



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO: VIVÊNCIAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Marcone Pereira dos Santos, Edgar Rocha de Souza Neto, Tatiane de Lucena Lima.

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

E-mails: marconysantos94@gmail.com; edgarrocha217@gmail.com; tlucena.ead@gmail.com.

Resumo

Este artigo buscou analisar a percepção de docentes e gestores do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana sobre a prática de extensão universitária que aborda a violência de gênero na escola. A pesquisa de natureza qualitativa e exploratória visa o aprofundamento da temática da violência de gênero a partir de vivências resultantes da extensão sobre a percepção da comunidade escolar sobre as implicações curriculares/formativas do projeto desenvolvido durante os anos 2020 e 2021. A metodologia do projeto envolveu planejamento, diagnóstico e intervenções pedagógicas por meio de palestras, rodas de conversa, cine debate. O projeto promoveu sensibilização da comunidade escolar sobre gênero e interseccionalidades, possibilitou o diálogo sobre violência de gênero; visibilizou os estudos de gênero dentro e fora da universidade; demonstrou a necessidade de integrar a família nas ações da extensão e apontou desafios para superação das dificuldades em etapas futuras do projeto.

Palavras-chave: Violência de gênero. Escola. Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar a percepção de professores/as e gestores do Centro de Educação Básica (CEB) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na Bahia, sobre a prática extensionista desenvolvida pelo Núcleo de Estudo Interdisciplinares sobre Mulheres e Relações de Gênero (Mulieribus/UEFS) e as implicações curriculares-formativas dessa prática na escola. Para tanto, buscou-se identificar a percepção sobre violência de gênero da comunidade escolar e identificar as implicações formativas, resultantes da extensão universitária na escola.

A extensão é entendida como articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade local visando a transformação social. O projeto de extensão em questão é desenvolvido na área de gênero, conceito este que “[...] pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são ‘trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico’” (LOURO, 1997, p. 22). Contudo, essa designação evidencia a importância de não reduzir o sexo biológico ao gênero, pois ele é uma construção social, no qual o indivíduo se porta nas relações sociais, da forma que se identifica, sendo do sexo masculino ou feminino.

Para (SCOTT, 1995, p. 86) a definição de gênero “[...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Por isso, não pode ser pensado como categoria isolada de análise ou de um estudo que aborda a diversidade, sendo necessário abordá-lo na perspectiva da interseccionalidade. Akotirene (2019, p. 19) aponta a interseccionalidade como uma “[...] instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtos de avenidas identitárias em que, por exemplo, no estudo sobre mulheres negras precisam ser feitos considerando o cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe.

Quando a escola não tem uma perspectiva crítica de ensino e não está atenta a situações de violências de gênero reproduzidas em seus espaços, seja ela física ou simbólica, o seu currículo tende a reforçar as manutenções das relações conflituosas de gênero. É preciso, pois, construir um currículo que contribua com a construção do conhecimento crítico, democrático e que respeite as múltiplas identidades.

METODOLOGIA

A pesquisa de natureza qualitativa e exploratória visa o aprofundamento da temática da violência de gênero a partir de vivências resultantes da extensão sobre a percepção de professores/as e gestores escolares e as implicações curriculares/formativas do projeto desenvolvido durante os anos 2020 e 2021 no Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia. A metodologia do projeto envolveu planejamento, diagnóstico e intervenções pedagógicas por meio de palestras, rodas de conversa, cine debate.

Apesar do projeto de extensão “Trabalhando violência e gênero nas escolas”, ser desenvolvido desde 2013, foi realizado um recorte dos anos 2020- 2021, no qual foi utilizada a pesquisa bibliográfica para melhor compreender as vivências resultantes da extensão junto a estudantes, docentes, coordenadores e gestores escolares do CEB.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante as vivências na extensão, observamos uma visão generalista sobre os termos “violência” e “gênero”, embora se reconheça a necessidade de diferenciar a identidade de gênero da identidade sexual do indivíduo. Esse conhecimento, decerto, leva a efeito a compreensão de que assumir a identidade de gênero envolve processos de liberdade, escolhas, autonomia, sobretudo, numa sociedade machista e homofóbica como a nossa.

As percepções sobre violência de gênero compreendem dispositivos de poder entre gêneros e seus efeitos é fundamental para que professores/as possam identificar possíveis conflitos que se materializam como violência na escola. Lembrando que existem vários tipos de violência, seja ela: física, psicológica, simbólica, sexual, patrimonial ou moral. Ocorrem em diferentes âmbitos e instituições, seja na família, nas instituições jurídicas, nas escolas, nas universidades, nos espaços profissionais e na esfera social em geral. Basta ler noticiários para atestar o quanto as mulheres são alvo de violências. Segundo a Organização Mundial de Saúde, uma a cada três mulheres em todo o mundo já foram vítimas de violência física ou sexual durante sua vida (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021). Para Saffioti (1987), a violência de gênero “[...] é tudo que tira os direitos humanos numa perspectiva de manutenção das desigualdades hierárquicas existente para garantir obediência, subalternidade de um sexo a outro.

Por motivação das vivências da extensão, a escola idealizou e executa, de forma contínua, o projeto Respeita as Minas, que é protagonizado pela comunidade escolar, especialmente pelas meninas, na discussão de temas como violência de gênero, masculinidade tóxica e empoderamento feminino. Percebemos que as ações pertinentes às questões de gênero fazem parte do calendário escolar, inclusive compõem o Projeto Político Pedagógico do CEB, tanto no currículo formal através das disciplinas, quanto de forma transversal no currículo. Nesse sentido, o Conselho Nacional de Educação (CNE) abordou amplamente sobre a transversalidade no Parecer N° 7, de 7 de abril de 2010:

A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real [...]. (BRASIL, 2010, p. 24).

Os temas transversais são temas emergentes socialmente que devem ser tratados por pressupostos científicos e éticos por via de uma prática pedagógica crítica, reflexiva e multicultural. Percebemos, por meio das oficinas, que a comunidade escolar já vivenciou situações de violência de gênero na escola e na comunidade, principalmente por meio do bullying.

O bullying se configura em um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas como, por exemplo, implicância, discriminação e agressões verbais e físicas, sendo praticado por meninos e meninas (SILVA, 2010). Muitas das “brincadeiras” entre meninos e meninas envolvem discriminações raciais e religiosas; por outro lado, as “brincadeiras” generificadas e sexualizadas, que ocupam diferentes espaços da escola estão amparadas em uma visão tradicional dos gêneros pela ótica histórica do cisheteropatriarcado.

Nas atividades extensionistas realizadas, a gestão escolar sempre evidenciou a importância do apoio da extensão universitária ao compartilhar conhecimentos sobre o tema, fortalecendo as ações sobre gênero e educação na escola. Nesse sentido, é sabido que gênero é uma temática ainda omissa no curso de formação de professores, o que gera insegurança e falta de conhecimento de docentes para trabalhar essas questões. Compreendemos que há uma escassez de elementos teóricos críticos e de uma sólida formação político-pedagógica que subsidie os/as professores/as para uma prática antissexista. Muitos deles/as, quando o fazem, abordam de forma intuitiva. Para Bloedow e Guizzo (2014, p. 31-32) há “[...] uma grande carência nas discussões em torno dos temas relacionados a gênero e sexualidade nos cursos de formação de profissionais da educação, o que dificulta a problematização de situações emergidas na escola”.

Na escola investigada, além do projeto “Respeite as minas”, também é executado o projeto “Combate a homofobia”, ambos fortalecidos pela extensão. O currículo, assim concebido, torna-se um “[...] instrumento privilegiado por meio do qual propostas e práticas multiculturalmente orientadas vêm sendo e podem ser implementadas no país, tanto no sistema formal de ensino como em projetos que correm em paralela ao sistema oficial” (MOREIRA, 2001, p. 89).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão em questão promoveu sensibilização da comunidade escolar sobre gênero e interseccionalidades, possibilitou o diálogo sobre violência de gênero, contribuiu para desconstrução de velhos paradigmas sobre mulheres e masculinidades; visibilizou os estudos de gênero dentro e fora da universidade; demonstrou a necessidade de integrar a família nas ações da extensão; suscitou a necessidade de ampliar as ações deste projeto desenvolvido no CEB para outras escolas da região de Feira de Santana; e apontou novos desafios para superação das dificuldades em etapas futuras do projeto.

As disputas de territórios entre os gêneros nos espaços sociais e escolares não deve alimentar a desesperança de que relações democráticas e igualitárias sejam realidade. Caso contrário, marginalizaremos corpos que não se encaixam no padrão social forjado, no dizer de Akotirene (2019), por modelos impostos pelo cisheterepatriarcado, racismo e capitalismo. A escola é justamente o espaço capaz de repensar as desigualdades e intervir no sentido da sua desconstrução.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)
- BLOEDOW, Alice Maria Ulrich; GUIZZO, Bianca Salazar. Jovens contemporâneos e que educação sexual? In: VII Congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero, 2014. *Anais do VII Congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero*, 2014. p. 31-32.

BRASIL. *Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução Nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.* Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 12 abr. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000300007>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-128, jan./mar. 2013.